

DCKT, L.,
ingress of
assiques,

he Greek

Hellenic

92-203.
on-Köln,

Identidades e características dos alunos do Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira

António V. BENTO
Guida MENDES
Universidade da Madeira (Portugal)

Resumo

Nas últimas décadas, o perfil dos estudantes que frequentam o ensino superior tem vindo a diversificar-se. A Universidade da Madeira tem tido um crescente aumento de ofertas de cursos, nomeadamente no Departamento de Ciências da Educação de que é exemplo a criação das licenciaturas em Educação Sénior e Ciências de Educação.

Desta forma, o objectivo principal deste estudo é dar uma panorâmica do perfil social e identitário dos estudantes das licenciaturas do DCE numa perspectiva de caracterização da realidade do referido Departamento. Neste quadro, a caracterização das condições socioeconómicas e das concepções que os alunos têm acerca dos seus projectos futuros constitui um pilar decisivo para a melhor compreensão dos mesmos e poderá assim contribuir para a tomada de decisões curriculares e pedagógicas.

Para tal, tomou-se por referência um inquérito por questionário aplicado ao universo completo dos alunos das licenciaturas deste Departamento no ano lectivo de 2005/2006, ou seja, 103 sujeitos.

Abstract

Identities and characteristics of the students of the department of education sciences of university of Madeira

In the last decades, the profiles of students attending Higher Education has become very diverse. The University of Madeira has had an increasing offer of courses, particularly, in the Department of Educational Sciences being an example, the creation of the Bachelors' programs in Senior Education and Sciences of Education.

On such a way, the main goal of this study is to give a panoramic view of the social and identity profile of the students of all Bachelors' programs of the Department of Educational Sciences, characterizing the reality of that Department. Thus, the characterization of the socio-economic conditions and the conceptions that the students have concerning their future projects, constitutes a decisive support for a better understanding of same students and, thus, contribute for a better curricular and pedagogical decision-making process.

For such, an inquiry by questionnaire was applied to all the students of the Bachelors' programs of this Department in the school year of 2005/2006 (a total of 103 subjects).

A necessidade de conhecer melhor a base social dos alunos do DCE levou-nos a dar particular relevo à caracterização dos perfis sociodemográficos dos estudantes, tomando como referências variáveis o sexo, a naturalidade, o concelho de residência e o curso frequentado.

Estamos perante jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 22 anos, pertencentes a um público maioritariamente feminino, (F= (93,2%); M=6,8%), o que corrobora estudos efectuados neste contexto (Almeida e outros, 2003; Grácio, 1997; Martins e outros, 2005), que concluem que no universo das fileiras de cariz universitário existe uma preponderância significativa a favor dos jovens do sexo feminino.

Verificamos ainda uma forte discrepância, se atendermos à distribuição segundo o sexo, em cada um dos cursos. Os cursos onde cada um dos sexos é significativamente maioritário parecem corresponder à divisão sexista do trabalho, denunciando os tradicionais efeitos das representações profissionais relativas ao género sobre as escolhas dos jovens. Assim, as raparigas preferem cursos mais vocacionados para a educação de crianças de tenra idade (Educação de Infância 100%), onde o contacto com o meio profissional é mais feminizado o que, mais uma vez, corrobora estudos feitos sobre a feminização do ensino (Benavente, 1990; Sarmiento 2002).

Os cursos onde encontramos alguma visibilidade dos rapazes são: Ensino Básico (M=1,94%), Educação Sénior (M=2,91%) e Ciências da Educação (M=1,94%) que, pelo seu perfil de formação, permitem um leque de saídas profissionais bastante variado, estando frequentemente ligados a áreas profissionais mais recentes e, talvez por isso, consigam escapar mais facilmente aos estereótipos de feminino e de masculino e da codificação que se faz das características tradicionais daquilo que é esperado das raparigas e dos rapazes.

São jovens maioritariamente de nacionalidade portuguesa (94,12%) estando ainda representadas as nacionalidades venezuelanas (4,9%) e inglesa (0,98%). Apesar de serem provenientes maioritariamente dos concelhos do Funchal (50,0%), existe uma franja de estudantes (50,0%) proveniente de outras zonas da região, situação que os obriga, nalguns casos, a estarem afastados do núcleo familiar para poderem frequentar o ensino superior, a saber: Câmara de Lobos – 15,0%; Santa Cruz – 14,0%; Machico – 5,0%; Calheta – 4,0%; Ponta de Sol – 4,0%; Santana – 4,0%; Ribeira Brava – 3,0% e Porto Moniz – 1,0%.

Posicionamento no espaço social

Tendo em conta que existe uma relação estreita e dinâmica entre a condição de família de origem e a condição social dos próprios jovens, procuramos identificar neste ponto algumas características da família de origem que nos ajudem a compreender as trajectórias que os jovens têm delineado no seu percurso escolar e na sua identidade.

Partindo da ideia de que a identidade dos jovens conflui das representações que os jovens têm de si mesmos, convirá não esquecer que nem todos os jovens podem fazer recair as suas escolhas sobre a amplitude do um universo, uma vez que eles só poderão explorar aquelas sobre as quais dispõem de conhecimento, mesmo que de uma forma superficial. Nesta perspectiva, há que tomar em conta

as orientações tradicionais processadas dentro do meio de pertença através dos recursos de que dispõem, onde as propriedades sociais adquirem um valor preponderante nas representações que transmitem.

Os contornos desta orientação dependem grandemente quer da origem social e do modo como as diferentes famílias gerem as expectativas, finalidades, motivações e os graus de autonomia dos seus jovens quer da experiência profissional dos seus elementos.

Assim, é nosso intuito a compreensão do posicionamento dos jovens no espaço social de origem, tomando como indicadores os capitais escolares (o nível de escolaridade do pai e da mãe) e os recursos socioprofissionais (profissão e situação na profissão do pai e da mãe), utilizados para a operacionalização da classificação das famílias de origem dos alunos em classes sociais de origem), que, como afirma António Firmino da Costa (1999, p. 224): «tem a ver, no plano substantivo, com a centralidade da esfera profissional e do sistema de ensino na estruturação das relações sociais contemporâneas e na distribuição diferencial de recursos e poderes, disposições e oportunidades de indivíduos, famílias e grupos».

Atendendo à análise dos níveis de escolaridade dos pais dos alunos, confrontamo-nos com o cenário já traçado por outros trabalhos: a maioria dos alunos é proveniente de grupos familiares pouco escolarizados (Martins e outros, 2005) em que mais de metade desta população ficou pelo 1º ciclo (pais 63,44% e mães 62,63%). Realçamos ainda a percentagem reduzida que atingiu o nível superior, ou seja, o nível em que se encontram actualmente os alunos inquiridos (pais – 3,23% e mães – 4,4%).

Desta análise parece ressaltar a ideia de que uma grande maioria destes jovens está inserida numa estratégia de mobilidade ascendente face aos seus progenitores. Contudo, convém referir que a mobilidade escolar ascendente intergeracional não significa necessariamente uma mobilidade social ascendente entre as gerações. Com efeito, o aumento das taxas de escolarização, associado à desvalorização dos diplomas e a um aumento do número de anos de escolaridade obrigatória, que obviamente reproduz as posições relativas, implica um aumento do capital escolar para a conservação da posição relativa na estrutura social (Bourdieu, 1979; Bourdieu e Passeron, s. d.).

Muito embora o capital escolar do núcleo familiar de origem forneça por si só indicações importantes sobre as condições sociais de existência dos jovens e sua respectiva trajectória de vida, o que é certo é que uma análise multidimensional, integrando indicadores socioprofissionais, permitir-nos-á captar informação relativa quer a um leque de dimensões fundamentais de estruturação do espaço das condições sociais de existência quer às posições relativas que os protagonistas sociais nele ocupam. Nesta perspectiva, procuraremos de seguida analisar o grupo familiar de origem, tendo em conta o indicador socioprofissional do pai e da mãe, e as interdependências que estabelecem entre si e com as várias dimensões que se tem vindo a explorar, com vista a uma caracterização aproximada das origens sociais de classe dos alunos.

A partir da análise do indicador socioprofissional individual do pai e da mãe, podemos encontrar uma população que se distribui por todos os principais lugares de classe. Contudo, a grande maioria localiza-se nas categorias

assalariadas, frequentemente associadas às menos providas de recursos económicos, qualificacionais e organizacionais: os pais são predominantemente operários (35,37%) e empregados executantes (25,61%), enquanto as mães são maioritariamente empregadas executantes (administrativas e, sobretudo serviços de limpeza). De salientar ainda que no grupo das mães, 40% se ocupa das tarefas domésticas familiares e 8,42% encontra-se numa situação de desemprego o que consideramos um valor baixo tendo em atenção a percentagem de desemprego no nosso país e o facto das mulheres serem em maior número. É de salientar, no entanto, o valor elevado de mães que não trabalham (42,22%).

Para completar a caracterização das posições de classe do pai e da mãe, tentaremos ver de que forma a inserção no espaço das relações de classe se conjuga com a posse de recursos educacionais.

A combinação entre o indicador socioprofissional e o indicador de nível de ensino atingido pelos pais permite-nos uma análise mais profunda sobre a composição de classe de onde os alunos são oriundos (Costa, 1999).

Como seria de esperar, a localização correspondente à nova classe média, onde se inserem os profissionais e técnicos de enquadramento, é a que mobiliza um maior volume de recursos socioeducacionais. Todavia, e como já foi anteriormente referido, a sua presença traduz-se em percentagens baixas, mesmo em comparação.

Relativamente aos empresários, dirigentes e profissionais liberais, os níveis de escolaridade localizam-se maioritariamente no primeiro e segundo ciclo, o que nos indica uma defesa de capital escolar associado a esta categoria.

Por último, apresentamos a composição de classe do grupo doméstico, tendo em consideração o indicador socioprofissional familiar (ispf). Procuramos então, de uma forma mais abrangente, conjugar a heterogeneidade de situações quanto à localização individual de classe dos membros do grupo doméstico familiar, em particular, o do pai e o da mãe.

Através da análise do indicador socioprofissional familiar podemos constatar que a composição social destes alunos apresenta um peso considerável das famílias empregadas executantes, com inserção socioprofissional diversificada, verificando-se ainda uma maior incidência nos assalariados executantes pluriactivos, que conjugam empregados executantes e operários (36,25%), ou seja, situações que traduzem um assalariamento de baixa qualificação.

No que concerne aos trabalhadores independentes pluriactivos, que traduzem 5,5% das famílias, encontramos conjugadas as situações em que o comércio coexiste com empregados executantes ou operários.

Se tivermos em conta as situações de assalariamento pouco qualificado e subalterno (os empregados executantes, os operários, assalariados agrícolas e os assalariados executantes pluriactivos), encontramos aqui mais de metade das famílias da população em estudo (52,25%), corroborando assim os estudos que indicam que há uma percentagem elevada de alunos pertencentes a estratos populares, menos munidos de capital escolar (Martins, 2005). Não obstante os 13,75% das famílias que representam os profissionais técnicos e de enquadramento.

Assim podemos questionar até que ponto, não se vai verificando um alargamento da base social de origem dos alunos no ensino superior, eventualmente também ele decorrente do aumento da escolaridade.

Motivação para frequentar o ensino superior

Consideramos como importante uma das abordagens quanto às aspirações de futuro destes jovens e para tal quisemos saber quais as razões que motivavam os alunos a frequentar a Universidade e estabelecemos uma relação entre esta e a variável género.

Verifica-se aqui uma situação muito diversificada, sobressaindo o facto de haver uma percentagem elevada "para aprender" (40,7%) e a mais baixa para "arranjar um emprego" (21,35%).

A trajetória escolar

No sentido de perceber a dinâmica evolutiva dos processos académicos destes alunos, consideramos as trajetórias escolares dentro deste nível superior de formação como uma dimensão analítica, tendo em conta o número de disciplinas em atraso, bem como as aspirações destes jovens face ao futuro escolar e profissional.

Verificamos que o sucesso escolar apresenta-se como uma experiência dominante dos percursos escolares destes alunos, sendo que 83% não têm nenhuma disciplina em atraso, 15% já se viu confrontado, pelo menos uma vez, com a necessidade de repetir uma disciplina, 2% com pelo menos duas cadeiras em atraso.

As percepções e as expectativas dos alunos face ao futuro

Em termos escolares, pretendemos verificar se os alunos equacionam a possibilidade de continuar a sua trajetória escolar, continuando os seus estudos a nível superior. Quanto aos percursos académicos pós-licenciatura, 69,15% dos nossos alunos dizem que tencionam prosseguir os estudos, deste total 71,43% são rapazes e 68,97% são raparigas. Dos 30, 85% que não tencionam prosseguir estudos, 26,57% são rapazes e 31,03% são raparigas.

Se tomarmos em conta os cursos frequentados e esta variável pode verificar que são os alunos do curso de Educação Sénior que afirmam em maior percentagem não desejar continuar a estudar (51,72%).

Quanto às aspirações relativamente ao tempo que pensam precisar para concluir a licenciatura 86,49% dos nossos alunos dizem esperar acabar a licenciatura no tempo curricular previsto.

Quisemos igualmente saber a opinião dos alunos quanto às suas perspectivas de empregabilidade durante o primeiro ano após a conclusão da licenciatura, podemos aferir que a maioria (48%) responde afirmativamente.

Quando 61,16% dos alunos inquiridos afirmaram que tinham ideias claras acerca das saídas profissionais dos cursos escolhidos. É de salientar que uma representatividade muito forte (97,08%) tem elevadas expectativas em relação à sua realização profissional através do curso que escolheu. Contudo quando quisemos saber se estavam dispostos a aceitar desempenhar funções em áreas distintas da sua licenciatura verificamos que quase metade dos alunos (49,51%) o faria.

Em torno das actividades académicas

Apenas 17,71% dos alunos dizem participar em actividades extracurriculares. Tendo em conta as variações consoante a variável sexo, salientamos o facto de esta não se verificar, uma vez que a percentagem acima relativamente aos dados desta variável ser composta unicamente pelo sexo feminino o que parece indicar mais uma situação marcada pela diferença de género.

Contributos para uma conclusão

Dos apuramentos obtidos podemos concluir que os alunos do D são maioritariamente oriundos de classes de menores recursos às quais estão associados níveis socioprofissionais e socioeducacionais baixos.

No geral os alunos caracterizam-se pelo sucesso académico universitário tivemos em conta o número de unidades curriculares em atraso.

Os alunos pertencem, sobretudo, ao universo feminino que tradicionalmente está fortemente representado nas profissões relacionadas com a educação.

É curioso observar que apenas um número reduzido de alunos, representa unicamente pelo sexo feminino, participa em actividades extracurriculares.

Podemos ainda salientar o facto de que sensivelmente metade dos nossos alunos reside em outros concelhos que não o do Funchal.

A esmagadora maioria dos alunos espera realizar-se profissionalmente com a sua licenciatura.

Consideramos igualmente interessante o facto de que a grande maioria dos alunos afirmou ter ideias claras acerca das saídas profissionais dos seus cursos aquando da sua opção.

Referências bibliográficas

COSTA, A. (1999). *Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*. Oeiras, Celta Editora.

ALMEIDA, João Ferreira de; ÁVILA, Patrícia; CASANOVA, José Luís, COSTA, António Firmi da; MACHADO, Fernando Luís; CRUZ MARTINS, Susana da & MAURITTI, Rosário (2003). *Diversidade na universidade: um inquérito aos estudantes de licenciatura*. Oeiras, Celta Editora.

GRÁCIO, S. (1997). *Dinâmicas da escolarização e das oportunidades individuais*. Lisboa, EDUCA Formação.

MARTINS, Susana Martins da; MAURITTI, Rosário & COSTA, António, Firmi da, (2003). *Condições Socioeconómicas dos Estudantes do Ensino Superior em Portugal*. Lisboa, Direcção de Serviços de Acção Social – Direcção do Ensino Superior

SARMENTO, T. (2002). *Histórias de vida de educadoras de infância*. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional.